

Tempos significantes na experiência com a psicanálise¹

Cássia Fontes Bahia

O termo *significante* está sendo considerado aqui em relação ao desdobramento que pode tomar em um plano mais simples e primeiro de sua significação. Neste sentido, pode se desdobrar, em uma primeira conceituação², em seu teor de adjetivo, remetendo o leitor ao termo “significativo” como aquele “que significa”, ou, então, que “expressa com clareza” ou ainda “que contém revelação interessante; expressivo”. Depois, considerado como substantivo no campo de “Estudos da linguagem”, significa “a expressão oral de uma língua”. Nesse caso, por ser substantivo, adquire uma consistência, como “substância de um ser real ou metafísico”; no entanto, apresenta, por outro lado, uma face etérea associada à expressão oral, à fala, à sonoridade presente na fala de alguém. Embora não se trate aqui do desenvolvimento da conceituação linguística do termo, ou mesmo de discorrer sobre o modo como a psicanálise vai considerá-lo em todos os seus desdobramentos, é possível perceber que a última acepção apresenta uma grande similaridade em relação ao modo como podemos articulá-lo no campo da psicanálise, já que também é apreendido em sua expressão oral que o *significante* entra em função na análise.

No entanto, quando é que podemos dizer que a dimensão do *significante* está em função em um percurso na clínica psicanalítica? A indagação aqui é a respeito de uma passagem, no sentido de um deslocamento clínico que ainda necessita encontrar modos diferenciados de ser esclarecido, que se refere à direção para a abertura ao inconsciente no discurso.

Para atingir o objetivo de tratar desse deslocamento, gostaria de propor uma diferenciação entre os termos *clínica*, *clínica psicanalítica* e *experiência de análise*, ao considerá-los como tempos distintos em referência ao modo de inscrição do sujeito no discurso daquele que fala ao analista.

Parte-se de fora, não somente porque é de fora, como diz Lacan, fundamentado na experiência do narcisismo em Freud, que o sujeito se constitui, mas também no sentido de que há uma passagem necessária, de fora pra dentro e que se refere ao tempo de o discurso, consoante com a proposta da psicanálise, chegar a ser contado.

¹ Trabalho apresentado na XV Jornada Anual da Práxis Lacaniana, 15 e 16 de setembro de 2012, Niterói.

² Conforme consulta ao *Dicionário Aurélio*.

Neste sentido, se pensarmos na experiência de análise como resultante de um percurso que vai da clínica, nesta experiência que inicia desde fora, e passa inclusive pela clínica analítica, já considerada assim por aqueles envolvidos em falar e escutar o sintoma, é possível apontar um tempo em que não há sujeito. Ainda não há sujeito como efeito de que se diga ao analista.

Creio que essa passagem é uma das mais difíceis a ser esclarecida até que se possa dizer que o significante está em função, como operador, no trabalho com a clínica psicanalítica, na abertura ao inconsciente, o que muda toda a disposição dos elementos envolvidos no discurso, pelos próprios efeitos de que se venha falando na clínica desde o lugar do sintoma.

Lacan afirma que a direção do tratamento não se pode formular em uma linha de direção unívoca. Do lado do analista deve acarretar não a direção do paciente, mas a associação livre em transferência, como diretriz da “situação analítica”. O paciente, por outro lado, espera algo muito diferente disso, segundo “a ideia que a difusão cultural lhe tenha permitido formar acerca do procedimento e da finalidade da empreitada”.³

Creio ainda poder acrescentar que esta distinção entre clínica, clínica psicanalítica e experiência de análise pode também apontar uma diferença no sentido de que se encontram em planos de linguagem distintos. A ideia é de que a distinção desses planos se articule como uma lógica temporal, que emerge como resultado da intervenção do discurso da psicanálise na clínica, tendo o analista como agente.

Em um primeiro momento do que estamos chamando de clínica, não há qualquer relação do sintoma à fala. Mesmo que se fale do sofrimento que se tem, não há qualquer aposta ou referência a que a fala tenha efeitos no sintoma do qual se sofre.

Podemos dizer que a diferença pode se situar no modo como se dá a escuta, pois, se há um analista a escutar, algum movimento, ou deslocamento pode acontecer, a partir de uma posição na qual, mesmo não havendo ainda uma conta que inclua o sujeito do inconsciente no discurso, há uma aposta do lado do analista pela via do desejo. O analista supõe, desde o início, aquele que lhe fala como sujeito de sua própria fala e não como objeto de sua própria clínica.

A aposta é a de que este modo de escuta vai, se há uma insistência nesta direção, abrir ao discurso que conta com o inconsciente, e que poderá situar os tempos, identificando

³ Lacan, J. em “A Direção do tratamento e os princípios de seu poder”, p. 592.

as diferenças discursivas ocorridas a partir de quando se iniciou a falar ao analista para o tratamento dos sintomas.

Para falar de um plano que se coloca pela via da clínica enquanto analítica, evocamos Lacan no Seminário 2, quando, ao discorrer sobre a interpretação que Freud elabora sobre o sonho da injeção de Irma, menciona em sua análise do texto que Freud se mostra no sonho tal como é e que, sob o aspecto das emoções, das relações com Irma, encontramos, neste ponto, um primeiro nível, em que “o diálogo permanece submetido às condições da relação real”, acrescentando que esta “se acha enviscada nas condições imaginárias que a limitam...”⁴, pois aí Freud encontra-se no sonho no mesmo nível que o das relações estabelecidas na realidade.

Tomei como aproximação a esta elaboração o que Lacan no Seminário 5, ao iniciar a construção de seu grafo do desejo, menciona sobre a linha do discurso corrente, comum, tal como este é admitido no código do discurso, e que ele chama de “discurso da realidade que nos é comum”: “o discurso concreto do sujeito individual, daquele que fala e que se faz ouvir, é o discurso que se pode gravar num disco”⁵, diz Lacan. Não estaria este plano do discurso, a partir de sua localização na fala de alguém, do lado das relações regidas pela consistência imaginária do mesmo modo que encontramos no sonho da injeção de Irma?

O ponto no qual esta linha, ou este plano, ou este nível, como chamamos aqui, se entrecruza com o plano dos significantes, no qual se coloca em jogo o uso da língua, a rede de empregos, é o ponto em que, no discurso, a verdade se distingue da realidade; é o ponto em que Lacan coloca a diferença entre enunciado e enunciação. Essa diferença de plano não está presente desde o início, mas a partir “dos sentidos que a verdade faz surgir neles, que ela literalmente introduz”. A experiência da psicanálise, para colocar a cadeia significativa em jogo, “pressupõe todo o mecanismo que faz com que, não importa o que se diga (...), uma vez que se entre na roda do moinho de palavras, o discurso sempre diga mais do que aquilo que se diz”⁶.

Poderíamos afirmar que este entrecruzamento, ou como diz Lacan, “a conjunção do discurso com o significante como suporte criador do sentido”, traz à presente elaboração um segundo nível, um plano, levando ao discurso daquele que fala o plano da

⁴ Lacan, J. em “O Seminário – Livro 2, p.

⁵ Lacan, J. em “O Seminário – Livro 5, p. 19.

⁶ Idem, p.21.

mensagem. E para que este plano seja possível é necessário que possa estar em jogo o Outro da linguagem, o “Outro” como companheiro de linguagem.

De que modo, então, em um atendimento, o Outro poderá entrar como função, sustentando o prosseguimento e o atravessamento das dificuldades próprias ao discurso, na direção da transferência e da associação livre, ocasionando, na cadeia significativa, a emergência da mensagem?

Em diversos momentos da obra de Lacan é possível localizar a fundamental importância atribuída à constituição do Outro, como, por exemplo no texto “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, quando associa que, na abertura da dialética da transferência, “é preciso fundar a noção do Outro com maiúscula como sendo o lugar de manifestação da fala – a outra cena – de que fala Freud na interpretação dos sonhos”⁷.

A partir dessas afirmações, podemos dizer que, se é preciso fundar a noção do Outro, é porque essa função se destaca do primeiro plano, do primeiro nível, conforme estávamos tratando aqui anteriormente. É preciso que ela seja fundada, constituída no processo de análise, por uma incidência lógica, referida ao tempo. Constituirá, e concomitantemente será constituída, pela dialética da transferência, conjunção necessária para que o campo do significante e o sujeito do inconsciente venham a emergir como experiência de análise.

Lacan, ao tratar dos tempos do Édipo, no Seminário 5, menciona haver um tempo no qual o que há é o assujeito, assujeitado aos caprichos do Outro, onde, para o assujeitado, não há Outro constituído. É possível, e Lacan o faz, localizar este ponto na linha do discurso antes que as linhas se cruzem, tanto no ponto do Outro como no da mensagem.

Devido aos inúmeros desdobramentos que o dizer vai tomando em uma análise, não há como estabelecer uma generalização em relação a esses planos discursivos, na medida de sua dependência da singularidade do processo e dos movimentos que cada sujeito vai estabelecendo em seu percurso. Por outro lado, à medida que insistimos na fala relativa a esses planos discursivos na psicanálise, vão surgindo distinções, desdobramentos e, conseqüentemente, a ampliação do campo discursivo sobre a experiência analítica. Ao menos essa é a nossa aposta.

O *a posteriori* da experiência analítica, precisamente pela incidência do Outro no discurso, permite a localização desse tempo de assujeitamento, no qual não há

⁷ Lacan, J. em “A Direção do tratamento e os princípios de seu poder”, p. 634.

distinções, nem de planos, nem de tempos e, conseqüentemente, nem de lugar de sujeito. Depois, o discurso se instala de modo que há um primeiro reconhecimento do plano da fala como fundamento do tratamento, mas não ainda da análise, não ainda no plano do sujeito, mas no plano das primeiras interrogações sobre o sintoma, na medida em que alguém associa algum efeito em seu sintoma porque fala ao analista.

Neste percurso no tempo, os efeitos de sujeito vão surgindo, podendo ser identificados como tal por aquele que fala. Torna-se possível, desse modo, ir estabelecendo distinções relativas ao modo de dizer, localizando, em seu percurso na fala, diferenças relativas ao sintoma, como consequência do efeito do significante em função no discurso.

Neste tempo, entre muitas voltas no dizer, pode haver o reconhecimento de um percurso como analítico, a partir do que se tornou possível por estar o lugar do desejo em jogo e que precisava estar antes de qualquer percurso possível no campo efetivamente analítico. Esse desejo é o desejo de analista, que antecipa, assim, o lugar de um sujeito a emergir, apostado pela via da transferência, provocando e participando, desse modo, da experiência de análise.

Referências Bibliográficas:

Lacan, J. (1954-1955) *O Seminário, livro 2: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1957-1958) *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. (1958) “A Direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.